

PERSONA

com **Sonia Carmela Falci Dechen**

Entre a terra e a música

Engenheira agrônoma esalqueana conta sobre a vida dedicada às pesquisas relacionadas ao solo e o amor à arte dos sons

Sabrina Franzol
sabrina@jpjournal.com.br

Ela nasceu na capital paulista em 5 de junho de 1946. Primogênita dos três filhos do casal formado pela piracicabana Ruth Sonia Marcondes Falci, advogada, e pelo italiano de Torraca (provincia de Salerno) Romeo Falci, que trabalhou no ramo de pintura de residências e de restauração de móveis antigos e foi proprietário de uma loja de tintas, Sonia Carmela Falci Dechen mora em Piracicaba desde 1952. Graduada em engenharia agrônoma pela ESALQ/USP (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz/Universidade de São Paulo) em 1969, fez mestrado e doutorado em Solos e Nutrição de Plantas pela ESALQ também, sendo estes cursos concluídos, respectivamente, em 1972 e 1979. Desde 1975 é pesquisadora científica no Centro de Solos e Recursos Ambientais do Instituto Agronômico da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, sediado em Campinas. Casada com o engenheiro agrônomo Antonio Roque Dechen, esalqueano e professor de Nutrição de Plantas no Departamento de Ciência do Solo da ESALQ, tem como atividades preferidas de lazer “cantar, cantar e cantar! E reger”, como ela mesma fez questão de frisar em entrevista à reportagem do Jornal de Piracicaba pa-

ra esta seção Persona. Abaixo, os melhores trechos da conversa.

Por que e quando decidiu fazer graduação em engenharia agrônoma?

É uma história quase comprida. Desde pequena, minha mãe me dizia que quando eu crescesse seria médica pediatra. Não só o curso, mas a especialidade também estava escolhida. Eu não pensava muito nesse assunto, afinal estava tão longe. Quando chegou o momento, meu lado prático mostrou que seria difícil para meus pais me sustentarem em São Paulo, na USP (Universidade de São Paulo). A universidade também tinha sido escolhida. Pensei por um tempo em fazer música no Instituto Bennett, no Rio de Janeiro, mas o problema da permanência fora de casa continuava. Conversando com o senhor Serafim dos Santos, secretário da ESALQ na época, ele me aconselhou a engenharia agrônoma, até então o único curso superior da ESALQ. Agronomia é a profissão do futuro, garantiu-me ele. E então, ao final do ano de 1964, quase toda a minha classe do terceiro científico do Sud Mennucci fez o vestibular para a ESALQ. Todos aprovados sem fazer cursinho, apenas um intensivo de um mês antes das provas. E somos hoje a muito unida EA-69!

Enfrentou algum tipo de preconceito ao estudar engenharia agrônoma?

De modo algum. Éramos em 24 mulheres divididas entre as oito turmas das aulas práticas. Devo dizer que passei os cinco anos do curso muito feliz como a única mulher da oitava turma, sendo tratada com muito carinho, educação e cuidado por meus colegas. Já ao candidatar-me em alguns locais, tive, sim, que lidar com o preconceito de ser jovem, recém-casada e que possivelmente ficaria afastada por meses em cada graduação, que o trabalho a que me candidatava era para homens, que haveria muito trabalho de campo e outros empecilhos. Com o passar do tempo essas coisas todas foram deixadas de lado, exerci cargos de direção, como Chefe da Seção de Conservação do Solo e Diretora do Centro de Solos, tendo o respeito profissional sobreposto ao preconceito.

Como decidiu pelo doutorado em Solos e Nutrição de Plantas?

Por influência do professor José Luiz Ioriatti Demattê, descobri um mundo totalmente diferente para quem foi criado na cidade. Aquela terra tinha nome: solo. Tinha vida: microrganismos e outros organismos. Tinha origem: vinha da decomposição das

rochas. Tinha funções: sustentar as árvores, as gramas, as flores, armazenar água e tantas outras! Como tinha feito estágio em Mineralogia de Solos, com outro professor fantástico, o doutor Antonio Carlos Teixeira Mendes, conhecido como Ito, não hesitei na hora da escolha: área de Solos e Nutrição de Plantas. Minha dissertação de Mestrado e tese de Doutorado foram, entretanto, apenas na área de solos.

Qual a importância desse assunto na atualidade?

No que se refere à produção de alimentos, um tópico de grande relevância é a sustentabilidade da produção agrícola e essa produção só será sustentável e contínua se os profissionais de agronomia tratarem de forma adequada e sustentável o solo. Não podemos nos esquecer de que o solo é uma fina pele do planeta e que a humanidade dele depende. Conservar o solo é garantir a vida!

Quais tipos de pesquisas realiza?

Meu trabalho no Centro de Solos é com o manejo de solos sob uso agrícola. A função primordial da pesquisa é geral conhecimento e técnicas de trabalho para os produtores agrícolas de quaisquer regiões. Atuo na linha de pesquisa aplicada à conservação do solo, especificamente nas relações entre erosão e produtividade e práticas conservacionistas de caráter edáfico, especificamente as relações entre erosão e produtividade. Entre meus últimos estudos encontram-se ensaios avaliando o intervalo hídrico ótimo em área cultivada com graníferas em sistema semeadura direta há 25 anos em Campinas e, o mais recente, atributos físicos e químicos do solo e a fauna edáfica na produtividade da cana-de-açúcar no sistema de semeadura direta e desenvolvimento radicular e atributos físicos, químicos e biológicos em sistemas de preparo do solo para a cultura da cana-de-açúcar.

Quais foram suas principais conquistas profissionais? Há algo que ainda deseja alcançar profissionalmente?

Nossa, tenho tanto o que agradecer a Deus por todos estes anos, que fica difícil escolher algumas, mas posso citar ter recebido a Me-



dalha Fernando Costa (área de pesquisa) da AEASP (Associação dos Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo) em 2001, ter sido a coordenadora da Comissão de Conservação do Solo da Sociedade Internacional de Ciência do Solo, ter sido escolhida por meus pares para ser a Diretora do Centro de Solos em 2007 e ter conseguido implantar a ISO 17025:2005 no Laboratório de Física do Solo do Centro de Solos em 2010

Como pesquisadora científica, qual a sua análise quanto à gestão federal para os recursos dispensados a pesquisas no Brasil?

Tanto o governo federal como o estadual têm menosprezado a importância da pesquisa científica na área agrícola. Quando se deparam com os problemas causados por essa omissão, os prejuízos serão imensos para o desenvolvimento tecnológico. Temos clássicos exemplos dessa omissão relatados no livro Civilizações Perdidas, de Michael Rank. Apenas para ilustrar o descaso para com a pesquisa, o último concurso para pesquisador científico e para técnicos de apoio no Instituto Agronômico aconteceu em 2003, tendo os aprovados sido convocados em 2005. Não é difícil imaginar a lacuna funcional que se estabelece em uma instituição com um intervalo de reposição tão grande.

Você também é cantora e regente de um conjunto musical, correto?

Sim. Do Coral Rev. James William Koger, da Igreja Metodista — Catedral de Piracicaba. Sou regente dele desde 1993. O coral é de música sacra, tanto as típicas das igrejas evangélicas tradicionais quanto as dos grandes compositores, como Bach (alemão Johann Sebastian Bach), Händel (alemão Georg Friedrich Händel), Schubert (austriaco Franz Schubert), Vivaldi

(italiano Antonio Vivaldi) e muitos outros.

Como iniciou esta atividade na sua vida?

Comecei cantando nesse coral aos 15 anos e nos corais da Escola de Música de Piracicaba Maestro Ernst Mahle desde os 12 anos. Foi natural passar de cantora para regente nos momentos em que os titulares estavam impedidos por um motivo ou por outro. Em várias outras oportunidades, outras pessoas competentes e amantes do Coral JWK assumiram a regência. Em 1993, Deus me chamou para essa atividade. Entre as minhas atribuições como regente estão escolher o repertório, ensinar a parte de cada naipe e orientar a emissão da voz.

A partir de quando começou a se interessar pela música?

Comecei a estudar piano aos nove anos de idade e não parei mais de me interessar pela música em seus vários estilos. Atualmente, participo do Coral Rev. James William Koger, do Coro de Câmara de Piracicaba, do Coral Luiz de Queiroz Noite e Coro Allegro Vocale.

O que a música significa para você?

Sempre me perguntam como consigo dar conta de tudo e ainda por cima participar de tanta atividade musical. Penso que consigo dar conta de tudo porque canto. Não consigo me imaginar sem cantar e em minhas conversas com Deus peço-lhe que não me faça passar pelo vale escuro sem poder cantar.

Como concilia a carreira na área de engenharia com a de musicista?

Tenho que confessar que tenho alguém que colabora imensamente para que eu possa, em minhas horas de folga do trabalho profissional, ensaiar, ensaiar e ensaiar. É o Antonio Roque. Sem a parceria dele eu não daria conta.



M. Germano/JP

